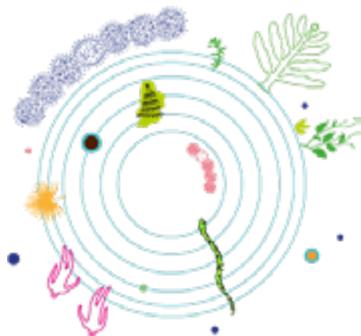


MULHERES PLANTAS E CURA

Youtube Selvagem, 2022





II CICLO MULHERES, PLANTAS E CURA

NASCER, GERMINAR, CUIDAR,
COMPOSTAR E TRANSFORMAR CICLOS DE VIDA

Roteiro

Datas: 06 a 27 de setembro de 2022

Horário: terças, de 16h às 18h

Convidadas: Tai Tuwixana, Aline Tertuliano, Maria Silvanete Lermen, Verônica Carvalho, Valéria Carvalho, Mãe Dôra Pankararu, Jula Pankararu, Sanderline Ribeiro, Helena Tenderini, Luiza Cavalcante e Ana Cláudia Rodrigues

Mediação: Ana Paixão de Carvalho e Marília Nepomuceno

Artista convidada: Chonon Bensho

Realização: Selvagem Ciclo de Estudos

Parceria: Chã - coletiva da terra

Sobre o Ciclo

“Toda medicina é natureza. O embate entre a ciência dos povos tradicionais e a ciência ocidental é algo que não deveria existir. Nós, enquanto seres, habitamos a mesma Terra. A ciência do laboratório só existe porque anterior a ela existia a ciência dos povos da Terra, a ciência da natureza. A saúde e a cura estão na terra, no alimento. Se temos uma terra boa, temos abundância, temos saúde e temos vida. Território, terra boa, água, essas são as condições de nossa sobrevivência. Nossa e de toda a humanidade. Quando pensamos nessa casa - a mãe Terra - como uma morada comum, precisamos pensar nas matas, nas florestas, na caatinga, no sertão, como espaço de existência, resistência e cura.” (Maria Silvanete Lermen em conversa com Ana Carvalho: [Há sempre uma árvore que somos nós](#), Catálogo forumdoc.bh.2021).

“Nosso território é um profundo poço de saberes vivos entre nossos Brasis (...). Ao perceber as agricultoras da subsistência do mundo, ou as tecelãs da memória, somos convidadas a olhar, ou nos reencantar, pela

política do que no Brasil chamamos povo, a política da comunidade, e os saberes e fazeres que detêm as mulheres e os comuns em seus territórios. Devemos olhar, pensar, ouvir, ou (re)cantar em coro, ou em coletivo, sobre as estratégias que devemos nos munir. Não para remontar o passado, e sim para reencantar e reconstruir o futuro. Salvar nossos saberes e práticas tradicionais de cura e cuidado, entre nós e o ambiente, enquanto estratégia de reencantamento coletivo do mundo. Fazer, tecer e saber uma cosmopolítica aprendiz dos modos de vida e sabedorias das pessoas comuns urge por ser co-inaugurada.” (Marília Nepomuceno, em *Tecer Saber e Fazer* (2022), texto de Apresentação do Caderno 2 - *As Filhas da Terra da Serra dos Paus Dóias*. Caderno Publicado no âmbito do projeto *Cosmonucleação Regenerativa e Encantamento no Manejo de Territórios Tradicionais em Pernambuco* - projeto fomentado pela Rede GRRIPP - prêmio UKRI Collective Fund ‘Gender Responsive Resilience and Intersectionality in Policy and Practice (GRRIPP) - Networking Plus Partnering for Resilience’, financiado pelo Global Challenges Research Fund).

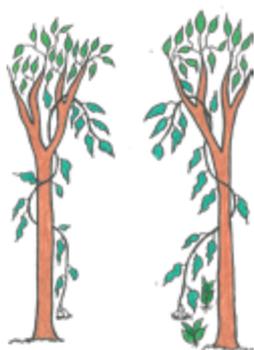
“Na cultura dos nossos povos, a despeito da história contraditória da colonização marcadamente genocida, estes corpos, estes povos se expressam no sentido de que a terra é saúde. Uma questão fundamental para ter saúde é viver na terra. Saúde vem do alimento, da água de boa qualidade, de um estado e de uma disposição social de produzir saúde. A saúde é produzida coletivamente pela comunidade, dentro dos corpos. É tão maravilhosa essa compreensão de saúde como produção de vida!” (Ailton Krenak, Aula inaugural do Mestrado Profissional em Saúde das Populações Negras e Indígenas, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2021).

Os conhecimentos tradicionais associados a plantas e ervas medicinais são resultado de séculos de convívio dos povos e comunidades tradicionais com seus biomas de origem, explorando suas potencialidades de formas variadas. Refletem, assim, uma relação dos corpos-territórios enquanto existência no mundo. Esses saberes estão intimamente relacionados às demais dimensões da vida social, das histórias familiares e

sistemas de transmissão de saberes e cosmovisões, estando intrinsecamente associados a dimensões espirituais, trajetórias pessoais e à identidade cultural e memória coletiva de cada comunidade, grupo ou região. Inspirado pelos saberes de quatro mulheres de territórios negros e indígenas de Pernambuco e da Paraíba, este ciclo de leitura – Mulheres, Plantas e Cura – propõe uma deriva pelas práticas e saberes dessas mulheres-território a partir de suas narrativas, trajetórias e de seus quintais medicinais e comestíveis, onde habitam uma coleção de ervas e plantas utilizadas nos seus fazeres de partejar, curar, benzer e rezar.

06/09 – PRIMEIRO ENCONTRO – NASCER

Convidadas: Tai Tuwixana e Aline Tertuliano.



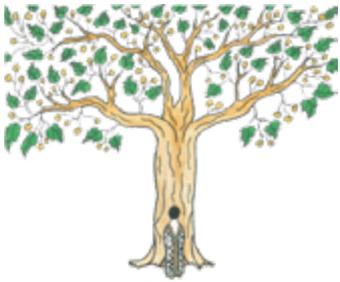
Das sementes do presente é que fazemos renascer o futuro.

Nova geração de mulheres, aprendizes de curandeiras, nascendo e dando continuidade aos saberes contra hegemônicos e ancestrais em suas comunidades.

TAÍ TUWI'XAWĀ (TAÍZA NUNES) é poetisa, escritora, professora, arte-educadora, pesquisadora, produtora cultural, roteirista, atriz e diretora de cinema. Coordenadora da ONG Os Sertões em Taperoá, no Cariri Paraibano. Coordenadora e idealizadora do projeto Balaio Poético e Liberdade Escrita, projetos que incentivam a leitura e produção poética para crianças, jovens e adolescentes. Ministra oficinas de literatura indígena, sensibilização poética e leitura para crianças, jovens e adolescentes. Palestras e oficinas sobre medicina tradicional indígena, protagonismo da mulher indígena, território, levante da terra. Mestranda em Ciências sociais pela UFCG (temáticas de pesquisa - Etnicidade, saúde indígena, contra colonialidade, gênero, política, cartografias afetivas). Integrante do grupo de pesquisa, ensino e extensão RERUMOS (Religião, Realidades e Movimentos Sociais) e do grupo de pesquisa, ensino e extensão Devires-UFCG. Integrante do grupo de literatura indígena, coordenadora do Literatura indígena PB. É integrante do livro e projeto nacional brasileiro do mulherio das letras indígenas. Faz parte do grupo MOARA mulheres indígena da Aldeia Barra de Gramame na Paraíba. Também integra a AMIP - Articulação de mulheres indígena da Paraíba. É juíza

natural do TOAJ - Tribunal de Justiça de Abya Yala. Lançou em 2021 o seu primeiro livro independente “Parindo sementes: Memórias poéticas de nós”.

ALINE TERTULIANO é aprendiz de raizeira, educadora popular em saúde, técnica em agroecologia, criadora do projeto [@feitiodaterra](#) e sementeira da [@coletivasementeiras](#). Desde 2014 vem construindo saberes, práticas e educação em saúde popular e saúde da mulher, pautadas em conhecimentos ancestrais e decoloniais.



13/09 – SEGUNDO ENCONTRO – GERMINAR

(em interlocução com a vivência presencial do Ciclo)

Convidadas: Maria Silvanete Lermen em diálogo com Verônica Carvalho e Valéria Carvalho (Terreiro das Pretas do Cariri)

Há sempre uma árvore que somos nós na mata.

Essa árvore somos nós no caminho da vida.

Saúde, alimento, corpo e território. Três mulheres agricultoras, agroflorestoras, benzedeiros, raizeiras, detentoras de saberes de cuidado, de saberes da terra, de regeneração e de luta.

VERÔNICA NEUMA DAS NEVES CARVALHO é raizeira e mioleira do Cariri Cearense, bióloga, assistente social aposentada e educadora popular. Co-fundadora do Grupo de Valorização Negra do Cariri / Grunec e Moradoras do Terreiro Encantado das Pretas.

VALÉRIA GERCINA DAS NEVES CARVALHO é benzedeira e mioleira do Cariri Cearense, professora aposentada e educadora Popular. Co-fundadora do Grupo de Valorização Negra do Cariri / Grunec e Moradoras do Terreiro Encantado das Pretas.

MARIA SILVANETE LERMEN é educadora popular, orientadora em saúde comunitária, benzedeira de mãos postas, orientadora de portais ancestrais, agrofloreстора, praticante e pesquisadora das vivências dos povos. Serra dos Paus-Dóias, Exu, Sertão do Araripe – PE.

([@espacodevivencia](#) | [@silvanete_lermen](#))



20/06 – TERCEIRO ENCONTRO – CUIDAR

Convidadas: Mãe Dôra Pankararu e Jula Pankararu.

É a partir do nascer e do cuidar que se faz este mundo – “Deus nos dê boa sorte”.

Mãe Dôra e Juliana, parteiras pankararu de lastro e referência no universo das parteiras indígenas pernambucanas, versam sobre o saber nascer e o saber cuidar para fazer brotar um mundo fundado no bem-viver coletivo.

MÃE DÔRA PANKARARU é parteira e liderança espiritual e política de seu povo. Iniciada no ofício aos 18 anos acompanhando as mais velhas e tendo, de lá até aqui, promovido em Pankararu o rebrotar da maior formação de parteiras indígenas do Estado de Pernambuco. Mantendo e transmitindo as tradições da etnia, Dôra é responsável pela inserção e formação de novas mulheres no ofício. Sua atuação garante às mulheres Pankararu não deixarem de ter filhos no território, reforçando fortemente a identidade indígena e promovendo a valorização dos saberes e práticas das parteiras Pankararu. Nascida em 1964, desde criança Dôra, enquanto sobrinha de Maria Quitéria (parteira e conhecida liderança entre os povos indígenas do Brasil), acompanha seus parentes na participação e realização de eventos e rituais tradicionais indígenas como a Corrido do Umbu, o Menino do Rancho, mesas de cura, novenas e todos os rituais e celebrações regulares e cotidianas que fazem a vida em Pankararu. Sua participação nestes eventos se dá de forma ativa e de destaque, seja como dançadora das linhas de frente - sendo a primeira figura feminina de braços dados com a liderança masculina que está puxando o toante do ritual, seja como cantadora, tocadora de maracá, madrinha (dos meninos que vão para o Rancho), botadora de cesto (na Corrida do Umbu) ou cozinheira, ou seja, ocupando lugares de grande relevância para a realização de cada um destes rituais. Esta abertura que Dôra tem para circular e participar de diferentes atividades dentro da comunidade Pankararu se dá principalmente pelo enorme respeito e reconhecimento que a comunidade tem por ela, sentimento reforçado

pela atividade de parteira - figura que anda por todo o território sendo cumprimentada enquanto Mãe ou Madrinha e demandada a dar “a benção”, traduzida da poderosa e seguinte maneira:

Indígena Pankararu passante: - Benção Madrinha.

Dôra Pankararu responde: - Deus te dê boa sorte.

JULA PANKARARU (Juliana Maria da Silva), nascida em 1974, é parteira Pankararu, iniciou-se no ofício jovem acompanhando parteiras mais velhas no momento em que mulheres das aldeias próximas davam à luz. Mantendo e transmitindo as tradições da etnia e reforçando a identidade indígena e promovendo a valorização dos saberes. Desde criança, Jula, sobrinha de Maria Quitéria (parteira e conhecida liderança indígena), acompanha seus parentes na participação e realização de eventos e rituais tradicionais indígenas, como a Corrida do Umbu, Menino do Rancho, mesas de cura, novenas, etc. Sua participação nestes eventos se dá de forma ativa como dançadora, cantadora, tocadora de maracá, madrinha (dos meninos que vão para o Rancho), botadora de cesto (na Corrida do Umbu) e cozinheira, ou seja, ocupando lugares de grande relevância para realização cada um destes rituais. Esta abertura que Jula tem para circular e participar de diferentes atividades dentro da comunidade Pankararu se dá principalmente pelo enorme respeito e reconhecimento que a comunidade tem por ela, sentimento reforçado pela atividade de parteira.

27/06 – QUARTO ENCONTRO

COMPOSTAR E TRANSFORMAR CICLOS DE VIDA

Convidadas: Sanderline Ribeiro, Helena Tenderini, Luiza Cavalcante e Ana Claudia Rodrigues.



Na espiral do tempo, o caminho da vida e a força da transformação. Três mulheres: uma indígena e duas mulheres de territórios pretos, detentoras de saberes de cura, orientam caminhos de escuta, benzo, nascimento, cultivo, transformação e de continuidade da vida.

“Nossa missão é uma forma de benzo, uma forma de oração, para mover e transformar o mundo”.

SANDERLINE RIBEIRO é mulher, indígena, Pajé, Graduada em Pedagogia pela Unavida, licenciada em Letras-Língua Portuguesa (UFPB), Especialista em Educação do Campo pela (UFPB), Mestranda em Ciências das Religiões (UFPB) e professora da Educação Básica. Sanderline Potiguara integra o grupo de plantas medicinais formado por lideranças indígenas, pajés, mulheres curandeiras e raizeiras, acompanhado pela equipe do DSEI POTIGUARA, bem como faz parte da Articulação de Mulheres indígenas da Paraíba (AMIP). Filha de indígena potiguara, neta de parteira, curandeira, rezadeira, benzeadeira. Há mais de 10 anos se dedica aos trabalhos de cuidados físicos e espirituais repassados pela ancestralidade e assegurados pela espiritualidade. Rio Tinto – PB. ([@sanderlineribeiro](#))

LUÍZA CAVALCANTE é mulher negra, agricultora afroecológica, educadora popular. Mãe, avó, escritora, benzeadeira. Matrigestora do Sítio Ágatha, espaço de trocas e vivências agroecológicas feminista e antiracista. Preside a Associação de Educação, Arte, Cultura e Agroecologia Sítio Ágatha. Está inserida em fóruns, redes, articulações e movimentos de lutas sociais. ([@sítioagatha](#) | [@luizacavalcante62](#))

HELENA TENDERINI é parteira, rezadeira, capoeira, educadora, artista e detentora de saberes e práticas relacionadas aos cuidados naturais com plantas, ervas medicinais, alimentação e saberes das mãos. Mãe de quatro filhos, Makambi, Malaika, Malakai e Aluandê, vive em comunidade com sua família no Sítio Malokambo em Tracunhaém, Zona da Mata Norte Pernambucana. A partir das tradições que pratica pelos saberes que recebeu de outras mulheres, vem refletindo sobre o contexto das mulheres da zona da mata com as quais atua. ([@sítio.malokambo](#) | [@helenatenderini](#))

ANA CLAUDIA RODRIGUES é Professora Adjunta do Departamento de Antropologia e Museologia da UFPE e do Programa de Pós-graduação em Antropologia da UFPE. Coordenadora do Grupo de Pesquisa AYÉ: laboratório interdisciplinar natureza, cultura e técnica. Possui doutorado em antropologia e pós-doutorado em Saúde Coletiva pela UFPE. Trabalha com as transversalidades das temáticas, saúde, raça, gênero, ambiente e relações humanas e não humanas. (ana.crsilva2@ufpe.com)

Articuladoras e mediadoras

MARÍLIA NEPOMUCENO, brasileira nascida em Pernambuco, é uma mulher-cis negra afroindígena (lida também como parda), mãe de duas crianças. Articuladora e Produtora Cultural, Educadora Popular, Técnica em Agroecologia (SERTA), Pesquisadora formada em Ciências Sociais (UFPE) e Mestranda em Antropologia (UFPE). Entre os coletivos que integra, propõe e apoia iniciativas e diálogos entre a Ecologia Política, Relações Humanas e Mais que Humanas, e as Relações entre Territórios, Memória e Patrimônio.

Pesquisadora dos grupos de pesquisa: OBSERVAMUS - Observatório de Museus e Patrimônios Culturais (DAM-UFPE); AYÉ - Laboratório Interdisciplinar Natureza, Cultura e Técnica (PPGA/UFPE); LACC - Laboratório de Estudos sobre Ação Coletiva e Cultura (UFPE); Narrativas do Nascer - Pesquisa e Extensão (DAM-UFPE)

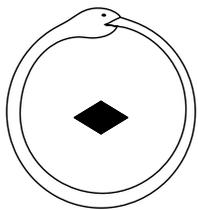
([@chadeterra](#) | [@akapiwara](#) | [@cartografia.parteirasindigenas](#) | [@museudaparteira](#))

ANA PAIXÃO DE CARVALHO é artista, cineasta, técnica em agroecologia e educadora popular. Atua há mais de 20 anos junto a comunidades indígenas e povos tradicionais em todo o Brasil na pesquisa e criação artística compartilhada nos campos das artes visuais, cinema, literatura e agroecologia. É colaboradora do Vídeo nas Aldeias, projeto que apoia as lutas dos povos indígenas para fortalecer suas identidades e seus patrimônios territoriais e culturais por meio de recursos audiovisuais. Desde 2019, desenvolve pesquisa e criação em poéticas visuais investigando as relações entre memória, território, comunidades de cura e regeneração da terra. Integra Chã - coletivo da terra, que promove formação, pesquisa e práticas culturais com foco na agricultura regenerativa e justiça socioambiental, através do desenvolvimento de projetos culturais. Mãe de duas crianças, vive e trabalha na zona rural de Paudalho/PE.

ARTISTA CONVIDADA: CHONON BENSHO

É artista indígena, do povo Shipibo-Konibo do Peru. Ela descende dos tradicionais sábios medicinais Onanya e das mulheres que preservaram

as tradições artesanais e artísticas de seus antepassados. Ela foi criada, desde criança, em um ambiente tradicional em sua língua nativa e foi curada com as plantas medicinais usadas pelo povo que se esforçava para se tornar mestre dos desenhos do Kené. Seus desenhos expressam a visão filosófica e espiritual das nações indígenas e atendem à busca de beleza e equilíbrio. A arte Kené leva em conta a profunda relação entre os seres humanos, o território ancestral e os mundos espirituais.



SELVAGEM

II Ciclo Mulheres, plantas e cura

06 a 27 de setembro 2022